

**“ESCOLA É UM LUGAR E NÃO UMA SALA NO MEETS”:
O ENSINO REMOTO E SUAS (IM)POSSIBILIDADES DE DISCUSSÃO DE GÊNERO,
RAÇA E SEXUALIDADE NAS INFÂNCIAS**

Eixo Temático 21- Gêneros e Sexualidades nas Infâncias

Caroline Montenegro de Souza ¹
Júlia Gomes da Silva Nascimento ²
Tatiana Maria Macedo Silva ³
Amana Rocha Mattos ⁴

RESUMO

O presente trabalho analisa os desafios na abordagem de temáticas de gênero, raça e sexualidade em oficinas realizadas com turmas do 5º ano em uma escola pública da zona norte do Rio de Janeiro no ano de 2021, no ensino remoto. Em casa, com a presença majoritária de adultos e/ou familiares, as oficinas precisaram ser reconfiguradas, evitando conflitos nesses espaços compartilhados. A análise do material de campo, que consistiu em relatórios escritos pela equipe de estágio e pesquisa da graduação de psicologia da UERJ em 2019 e 2021, baseou-se na análise teórica e prática dos efeitos da ofensiva anti-gênero e das ideologias ultraconservadoras nos contextos escolares contemporâneos somado às discussões de raça.

Palavras-chave: Ensino remoto, Gênero, Raça, Sexualidade, Infâncias

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, kkomontenegros@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, juliairaja16@gmail.com;

³ Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, tatimaria.macedosilva@gmail.com;

⁴ Professora associada do Instituto de Psicologia, Professora Permanente do Programa de pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenação do DEGENERÁ-Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Desconstrução de Gênero - RJ, amanamattos@gmail.com.

Na modernidade, a escola surgiu como um instrumento de correção e modelagem dentro dos conformes sociais da época. As crianças, nessa dinâmica, consistiam em uma ferramenta para propagar o que era ensinado. Desse modo, a infância pode ser interpretada como um dispositivo para o futuro: havia uma preocupação de modelar as crianças, a fim de discipliná-las e submetê-las aos conformes sociais, além de prevenir para que não se percam para os “ensinamentos desviantes” (AZEVEDO, 2021). Com isso em mente, percebe-se que a escola dita os saberes que são convenientes à sociedade e à manutenção de seu funcionamento. A essa dinâmica, Foucault (2005, p. 27) introduz a relação poder-saber. Entende que aquele que detém poder, dita o saber e a verdade, corroborando com o equilíbrio e a preservação do poder. Por isso, a educação nas escolas seria a forma de modelar crianças aos saberes, para resguardar e fortalecer aquele que está no direito do poder (RODRIGUES, 2019).

Haja vista a relevância da escola para a disciplina e controle dos corpos, reflete-se sobre a preocupação daqueles que dispõem do poder-saber de que outros ensinamentos nessas instituições corrompam as infâncias, sob a premissa de serem indivíduos com pouco conteúdo e por isso modeláveis (AZEVEDO, 2021). É sob esse viés que discursos sobre gênero, sexualidade e raça são barrados dos espaços escolares atualmente.

Em 2020, a pandemia da covid-19 demandou mudanças drásticas na realidade da população mundial e as escolas suspenderam as atividades presenciais por um tempo, retornando ao funcionamento na modalidade remota. Nesse novo modelo, contamos com a presença da família, mesmo que involuntariamente, por trás das telas. Estar dentro da casa dos(as) alunos(as) significou estar com os responsáveis nas tarefas que antes seriam limitadas ao espaço físico da escola. Os responsáveis se permitiam ocupar o lugar comum com os estudantes. Afinal, é compreensível que por estar no mesmo ambiente haja dificuldade em delimitar espaços isolados das áreas comuns que evitem participações nas câmeras, porém o espaço escolar no modelo remoto encontra paradoxos de forma que ao mesmo tempo em que é solitário e distante da vida encontrada em sala de aula, se faz também em conjunto no espaço familiar. Ressalta-se que a presença da família nesse contexto também é um analisador de classe social, visto

que boa parte da população de baixa renda não teve possibilidade de migrar o trabalho para o *homeoffice*, demandando que os alunos ficassem sozinhos ou desacompanhados.

O presente trabalho pretende analisar os desafios na abordagem de temáticas como gênero, raça e sexualidade no momento em que a sala de aula se desloca para espaços domésticos/privados, a partir de relatórios produzidos pela equipe de estagiárias(os), tanto em oficinas presenciais quanto remotas. Para isso, será utilizado o referencial teórico dos feminismos interseccionais e dos estudos de gênero pós-estruturalistas.

A equipe que compõe o projeto de extensão *Oficinas de Gênero e Sexualidade nas Escolas* (Uerj), vinculado ao projeto de pesquisa *Processos de subjetivação nas escolas: interseções de gênero, sexualidade e raça* (PROCIENCIA/Uerj), coordenado pela professora Amana Mattos, realiza oficinas com atividades sobre gênero, raça e sexualidade, discutindo os atravessamentos da violências e dos afetos, nas escolas públicas parceiras do projeto. As atividades são realizadas pela equipe de estagiárias da graduação de psicologia da UERJ, em parceria com os psicólogos escolares e docentes das escolas.

METODOLOGIA

Nosso método consistiu em encontros com a escola parceira, buscando conciliar a demanda institucional com a proposta do projeto, que circunscrevia a violência e conflitos no ambiente escolar e dessa forma o diálogo aberto com a equipe docente por meio de reuniões nos auxiliou na condução das oficinas. As oficinas foram realizadas em cinco encontros com cerca de 90 minutos de duração com cada turma. Após a realização das oficinas, a equipe produziu relatórios, que foram a base para a análise aqui apresentada.

A análise comparou as oficinas realizadas em anos e contextos distintos(2019 e 2021), com turmas de 5º ano com alunos entre 9 a 10 anos. No ano de 2019, participaram 25 alunos; em 2021, tivemos 20 participantes. As atividades envolveram desenhos, jogos teatrais e dinâmicas de grupo.

Analizamos as atividades nos dois modelos (presencial e remoto), visando observar as mudanças que foram necessárias para tornar as atividades possíveis no

modelo remoto e entender quais outros elementos subjetivos estavam em jogo para criarmos novas atividades nessa nova configuração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola como poder disciplinar da mente e do corpo é um dos mecanismos que melhor exerce a função de disciplina, docilidade e utilidade dos corpos (AZEVEDO, 2021, p. 13). Os saberes aplicados disciplinam a mente para os conhecimentos e raciocínios da classe a ser assegurada, enquanto a disciplina do corpo acontece por meio de cercamentos do indivíduo, seja pela sala de aula, pelos muros da escola, pelos horários das aulas, entre outros modos de controle (RODRIGUES, 2018). Mattos e Cavalheiro (2020) discorrem sobre algumas armadilhas discursivas em relação à infância vulnerável e a suposta passividade que os estudantes teriam em relação aos conteúdos em sala de aula. Ambas acendem faíscas de ofensivas anti-gênero, que mantêm gênero e sexualidade fora dos debates escolares, impedindo discussões críticas por parte de estudantes e educadores.

Evitar falar de raça nas escolas também acompanha propósitos conservadores, como destaca Abdias Nascimento (2016), e essa evitação colide com a autonomia da descoberta dos indivíduos e as relações de poder. Compreendendo as demarcações das diferentes instâncias de poder, seja em casa pela dinâmica familiar, seja na escola, pelo espaço hierarquizado das relações, as oficinas são pensadas fora da dinâmica expositiva escolar retomando o lúdico em contexto de ensino (MATTOS & CAVALHEIRO, 2020). A sala de aula é o espaço de dúvidas e respostas que são encontradas pelos próprios alunos.

As oficinas de 2019, que correspondem ao modelo presencial, foram: 1. “Desenho de um Corpo”, que objetiva entender como as e os participantes representam um corpo de alguém de sua idade, discutindo as diferenças e as normatizações corporais; 2. “Pessoas e Coisas”, que propõe facilitar o reconhecimento da existência de relações de poder e seu impacto sobre os indivíduos e seus relacionamentos, além de discutir com a turma sobre a importância do consentimento nas relações interpessoais; 3. “Entrevistas com Personagens”, que discute como determinados estereótipos são acionados por marcadores sociais, problematizar imagens negativas que são construídas socialmente para alguns grupos sociais e dialogar os personagens construídos com as

experiências de vida das e dos participantes; 4. “Preparando um Guaraná Natural”, que debate sobre a violência nas questões de gênero, o direito ao próprio corpo, a importância do diálogo nos relacionamentos, trabalha vulnerabilidades e a escuta; por fim, 5. “Rio da Vida”, vem como proposta de pensar a própria trajetória, dando a ela contornos narrativos que permitam que cada um expresse sua individualidade, sentimentos, desejos, medos, entre outros - dimensões estas tão reiteradamente afastadas do universo escolar.

Enquanto isso, em 2021 as oficinas remotas foram, em ordem de realização: 1. “Apresentação 'Quebra-Gelo'”, que planejamos para conhecer cada participante incluindo compartilhando preferências e gostos a fim de favorecer entrosamento entre participantes; 2. “Rio da vida”, já apresentada anteriormente com suas devidas adaptações para o remoto; 3. “Baile de Máscaras”, que permitiu explorar como crianças se expressam de forma lúdica, usando a criatividade como ferramenta de expressão física da subjetividade. promovendo um espaço possível para ver e ser visto (ainda dialoga com o contexto da pandemia e do uso de máscaras respiratórias para prevenção da Covid-19); 4. “Sentido de Escola”, em que pudemos ouvir dos participantes de que modo a experiência do remoto atravessa a ideia ou entendimento sobre “estar na escola”; 5. “Máquina do tempo”, simulava enviar uma mensagem para si mesmo/a em um futuro próximo, estimulando a pensar sobre possíveis cenários, conectando o momento presente com o futuro imaginado.

Considerando o exposto, fica evidente uma mudança na abordagem de eixos temáticos na qual as atividades remotas reforçaram questões interpessoais e não mais gênero, raça e sexualidade. Sobretudo porque na demanda da escola foi evidenciado que não havia um período de socialização, o recreio, na estrutura *online*.

Além disso, entra em cena também o compartilhamento de lugares com adultos. Como exemplificação, em um momento na atividade de Apresentação Quebra-Gelo, um aluno aparece acompanhado de seu pai, que ao final da oficina disse ter compreendido que era uma atividade que deveria ser feita acompanhado de responsável. Na oficina “Sentidos de Escola”, em que muitas crianças emocionadas e com saudade da escola choraram, uma aluna abriu o microfone e perceptivelmente foi interrompida por alguém em sua residência, após se comunicar com essa pessoa, ela saiu para fechar a porta do quarto. Nessa mesma atividade, muitos relatos dos alunos sobre a modalidade online foram marcantes: “Escola não pode ser um monte de janelas com o rosto das pessoas

sem poder ver e tocar”; “Escola é um lugar e não uma sala no *meets*”; “O online não é escola, é só um meio onde estão aprendendo”.

Em 2019, um dos relatos em uma reunião com os docentes trazia a dinâmica fluida e espontânea com que se davam os debates em sala de aula: “a prof^a contou que, com as eleições, os alunos traziam debates políticos para sala, tentavam descobrir em quem ela votaria a partir de suas falas. Contou de um aluno que se declarava homofóbico e, a partir de vídeos e reflexões que ela trouxe para sala, ele refletiu sobre o direito da outra pessoa, dizendo ‘nunca mais vou ser homofóbico’.”

Já em relatórios no contexto pandêmico, com as atividades remotas em 2021, os relatos são diferentes, e trazem preocupações da equipe e das docentes tanto acerca da real presença dos alunos por trás das câmeras desligadas quanto pela presença implícita ou explícita dos responsáveis durante as aulas. Por exemplo nesse trecho: “Ressaltam também que notaram que certos assuntos são tidos como ‘polêmicos’, como racismo, cultura, religião e como os pais têm utilizado do horário de aula para questionar posturas institucionais e contam do caso de uma mãe que sentou em frente à câmera, a fim de tirar essas satisfações”.

No ensino à distância, é retirado das crianças não só o espaço físico e a infraestrutura da escola, mas também as trocas interpessoais que esse meio permite. Em casa, cada vez mais afastadas uma das outras, sua convivência é majoritariamente com adultos e familiares, além de mediada por eles, impossibilitando e dificultando interações em que pudessem aparecer questões de gênero, raça e sexualidade. Saímos dos cercamentos dos muros das escolas e esbarramos com parentes e responsáveis com posicionamentos que retratam uma certa vigilância, que prioriza a proteção da “infância-inocência” e não desmoralização da criança (MATTOS & BERTROL, 2015, p. 132).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão proposta, percebe-se que tanto nos modelos presencial quanto remoto há empecilhos e obstáculos quando se trata de abordar questões de gênero, sexualidade e raça na educação. Isso se explica devido à concepção moral social de que crianças são indivíduos inocentes e que devem ser preservados; enquanto ideologias, como a ideologia de gênero, seriam responsáveis pela desmoralização

infantil e, por esse viés, devem ser mantidas afastadas das escolas. Entretanto, o modo remoto intensifica certas dificuldades, seja retirando situações que estimulam o debate, ou adicionando novas preocupações e personagens.

Ao analisar os desafios de abordar essas temáticas no ensino remoto em 2021, pudemos perceber que existem fortes ligações da ofensiva "anti-gênero" e com a pandemia da covid-19, que deixou os alunos estudando em casa, através de recursos tecnológicos sobre a constante monitoria de adultos, podendo ou não haver interferência nos conteúdos oferecidos pelas escolas. É nessas impossibilidades de interações que o projeto continuou a trabalhar com as temáticas interpessoais, deixando de plano de fundo gênero, raça e sexualidade já que, caso elas fossem centrais nas oficinas, outros percursos poderiam ser tomados. E assim, as oficinas remotas foram desenvolvidas, derivando das possibilidades que se encaixavam no cotidiano escolar-residencial e imaginativo infantil.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, N. C. S. de .; LIMA, J. M. de. O processo civilizatório da infância pelo corpo: um pouco do que a História nos conta. **Cadernos de História da Educação**, [S. l.], v. 20, n. Contínua, p. e014, 2020. DOI: 10.14393/che-v20-2021-14. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/58229>. Acesso em: 26 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MATTOS, Amana Rocha; BERTOL, Carolina. Oficinas de sexualidade nas escolas: saberes, corpo e diversidade. **Vol. 7 Intersecções em Psicologia Social: raça/etnia, gênero, sexualidades**, p. 130, 2015.

MATTOS, Amana Rocha; CAVALHEIRO, Rafael. Da proteção à instrução: mobilizações prático-discursivas em torno da infância nos debates sobre gênero e sexualidade na educação. **Childhood & philosophy**, v. 16, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

RODRIGUES, T. D. Mecanismos do poder disciplinar na escola: alguns apontamentos.

Perspectivas da Educação Matemática, v. 11, n. 26, 28 fev. 2019.